

## Dogma, missão e inculturação.

- 1- Esta introdução histórica nos confirma que a fé cristã, desde suas origens, sempre foi uma fé inculturada, ela nos oferece também uma explicação para a diversidade plural de expressões encontradas no NT, fato este que seguiu sendo uma constante na história milenar do Cristianismo. Do mesmo modo, esclarece a presença persistente de um catolicismo popular, por toda a parte, no interior da Igreja.
  - Situação policêntrica da Igreja: fim de uma hegemonia secular do catolicismo europeu, tendo de aceitar a maioria do catolicismo asiático, latino americano e africano.
  - Ciências humanas: novo conceito de cultura.  
“Cultura é o conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da vida de um grupo social concreto, conjunto que, consciente ou inconsciente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana e passa de geração em geração, conservando assim como foi recebido ou transformado efetiva e pretensamente pelo próprio grupo”.  
(CARVALHO, M. A. Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé. São Paulo: Loyola, 1986.).

A reflexão sobre a cultura exige uma reflexão sobre a fé: resposta a autocomunicação de Deus aos seres humanos para os salvar.

- 2- Por meio dos relatos bíblicos podemos reconstruir a sociedade daqueles tempos, a influência dos povos vizinhos, as novas questões que vão surgindo. Conforme o contexto, variam as experiências e expressões do mesmo encontro com Deus.
  - No NT, cada um desses contextos irá configurar diversamente as práticas e expressões da mesma fé.
- 3- Passagem do contexto judaico para o mundo helênico significa a mudança de um horizonte histórico para um ontológico na compreensão da pessoa de Jesus.
  - A entrada de novos termos provindos das correntes filosóficas, políticas ou jurídicas, atuantes e determinantes no contexto cultural.
  - As formulações dogmáticas: ponto alto desse processo de inculturação da fé num contexto helenista. “ a helenização da linguagem da fé se põe a serviço da deshelenização de seu conteúdo”.
  - O “batismo” das “culturas pagãs”: aproveitar as tradições religiosas que se prestavam a receber um sentido cristão.
  - Trento: combate às Igrejas da Reforma que abriram espaço para as diferentes culturas e diversidade nacionais. Vai significar um forte obstáculo a inculturação da fé ao impor uma uniformidade litúrgica e teológica a toda a Igreja do Ocidente. Por infelicidade coincide com a época das “grandes descobertas”.
  - A Propaganda Fidei (1622): como reação ao Padroado, onde a atividade missionária se realizava com o uso da força e dos recursos oferecidos pelos conquistadores.  
“ Não fazer esforço algum, nem usar de qualquer argumento que favoreça obrigar um povo a mudar seus costumes e tradições, desde de que estes não se oponham claramente à religião e à moralidade (...)”.

A distinção teórica entre elementos culturais pertencentes ou não à esfera da religião e da moralidade resultava tremendamente difícil, já que as culturas estavam profundamente embebidas de religião.

- Missionários pioneiros:
  - Mateus Ricci (1552-1610). Seu objetivo era chegar a uma reinterpretação cristã da cultura chinesa que iria, por sua vez, possibilitar uma leitura chinesa do Cristianismo.
  - Roberto de Nobili (1577-1656) missionário na Índia.
  - Pedro Paez (Etiópia).
- 4- Pio XII e João XXIII.
- *Evangelii Praeconis* (1951) Um respeito pelo que há de positivo nas culturas e uma proibição aos missionários de transportar a cultura européia a outros povos.
  - *Princeps Pastorum* (1959) A fé cristã não está ligada a qualquer cultura, nem mesmo à européia.
  - Discurso de abertura do Concílio Vaticano II: distinção entre “substância da fé” e “modo de apresentá-la”. Aqui se pode deduzir que não se pode esquecer de que as formulações dogmáticas estão condicionadas por pressupostos, problemáticas, categorias mentais e vocabulário disponível de uma época. Daí a necessidade de uma releitura do enunciado dogmático em outros contextos culturais.
  - Vaticano II: SC, OE, UR.  
Decreto *Ad Gentes* (10, 22).  
*Gaudium et spes* (53, 58).
  - Paulo VI: “Um certo pluralismo não é apenas legítimo, mas desejável. Este pode aperfeiçoar não só as culturas, mas também o próprio Cristianismo”.  
*Evangelii Nuntiandi* (1975).  
Carta de Pedro Arrupe à Companhia de Jesus (18/05/1978).  
Documento de Puebla. (385-443).
  - João Paulo II:  
Reconhecimento do termo aculturação ou inculturação.  
*Catechesi Tradendae*. Insiste na importância da cultura para a evangelização.  
Congresso sobre Mateus Ricci (25/10/1982).  
*Salavorum Apostoli* (1985).  
Criação do Pontifício Conselho para a Cultura (20/05/1982). “Uma fé que não se torna cultura é uma fé que não foi plenamente recebida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida”.  
*Redemptoris Missio*. (1990).  
Exortações pós sinodais: *Ecclesia in Africa* (95), *Ecclesia in America* (99), *Ecclesia in Asia* (99).  
Carta Apostólica *Fides et Ratio* (1998). “Compete aos cristãos hoje, sobretudo aos da Índia, a tarefa de extrair desse rico patrimônio os elementos compatíveis com sua fé, para se obter um enriquecimento do pensamento cristão (FR 72)”.  
Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil (1999-2002).
- 5- A acidentada trajetória do termo inculturação: Adaptação e acomodação, encarnação, implantação da Igreja, indigenização, contextualização (círculo protestante), enculturação/aculturação (termos sócio antropológicos), inculturação (interculturação e in-religiosação).

Fonte: MIRANDA, M.F. Inculturação da fé. São Paulo: Loyola, 2001. pp. 15-39.